

Eu sempre destaquei que a minha deficiência é só um detalhe.

Mayra Ribeiro



Para aqueles que não me conhecem eu vou me apresentando.

Sou **Mayra Ribeiro**, sou assistente Social, graduada pela Universidade Estadual paulista Unesp Franca, possuo aprimoramento profissional em Serviço Social e psiquiatria pela Universidade de Medicina de Ribeirão Preto, sou militante feminista, faço parte de um partido chamado PSOL, sou militante PCD, sou uma mulher bissexual e tenho deficiência visual, sou Promotora Legal Popular, atuando no combate e enfrentamento a violência de gênero, faço parte do Coletivo Juntas, ocupo uma cadeira no conselho da Mulher na cidade de Ribeirão Preto, sou secretária parlamentar da deputada Samia Bomfim e produzo conteúdo no Instagram sobre feminismo, política e capacitismo. É importante salientar que sou filha de pais que fazem parte da classe trabalhadora e que eles sempre lutaram para que os filhos pudessem ter oportunidades distintas das que eles tiveram na infância. No momento que eu cheguei na universidade, verifiquei que as condições de acessibilidade eram muito semelhantes às minhas vivências na

escola. Nesse sentido, não havia livros em áudio, em braile, os computadores não eram adaptados, a universidade não dispunha de recursos arquitetônicos para a minha locomoção e a moradia estudantil também não era acessível. Enfrentei diversos tipos de preconceitos, os quais eu não sabia identificar, pois nessa época eu não tinha aproximação com o Movimento de Pessoas com Deficiência. Entretanto após longos estudos eu percebi que o que vivenciei é chamado de capacitismo. De acordo com Andrade (2015), **a lógica capacitista se configura como uma mentalidade que lê a pessoa com deficiência como não igual, incapaz e inapta tanto para o trabalho, quanto para até mesmo gerir os cuidados da sua própria vida e tomar suas próprias decisões enquanto sujeito autônomo e independente.** Ele também destaca que tudo isso ocorre, porque historicamente construiu-se um ideal de corpo funcional tido como “normal” para a raça humana, do qual, portanto, quem foge desses padrões consciente ou inconscientemente é considerado menos humano. É de suma importância salientar que o

capacitismo pode se apresentar de maneira velada, ou em ações que subjagam, humilham, incapacitam os sujeitos com deficiência em suas vivências cotidianas. Nesse sentido, era comum no momento que eu estava na universidade as pessoas acreditarem que eu sempre estava precisando de algum auxílio.

Eu penso, que isso era violento, pois diversas vezes quando eu estava andando na rua, era abordada, tocada, ou puxada por homens que nunca pediam licença ou até mesmo perguntavam o que eu queria fazer. Por outro lado, se nós seres infantis e ingênuos, reclamamos desse tipo de atitude somos chamados de ingratos, grossos e estúpidos, pois essas pessoas estão cheias de boas intenções.

Outra questão que eu enfrentava a respeito desse preconceito, era a falta de vontade das pessoas em saber da minha deficiência, tendo em vista que elas sempre perguntavam sobre mim para outras pessoas, ou até mesmo se referiam a mim em terceira pessoa: “Não temos condições de preparar o material da Mayra, você pode estudar com ela”. Isso ocorria com frequência como se eu não tivesse condições de responder ou decidir sobre os meus estudos.

Em relação à sexualidade, não era invisível, eu era aquela mulher branca, a qual era considerada dentro dos padrões de beleza, entretanto, meu corpo tinha uma deficiência. Diversas vezes eu fui infantilizada, diziam que eu tinha que

estar com pessoas como eu, diziam que eu estava confusa sobre a minha sexualidade, pois tinha uma deficiência, tendo em vista que eu não sabia o que eu estava fazendo ou dizendo. Estas situações também são reflexos do capacitismo, tendo em vista que os sujeitos que possuem uma deficiência não podem se relacionar com outras pessoas, não tem relações sexuais e são considerados como anjos que precisam ter sua candura preservada.

Eu sempre estava presente nas lutas do Movimento estudantil, fazia parte do Centro Acadêmico de Serviço Social, dos grupos de extensão, dos projetos de pesquisa, dos debates e da vida política da universidade, entretanto, nesses espaços o debate sobre a deficiência era inexistente, na maioria das vezes quando ocorria era esvaziado.

Segundo Melo (2021), **as barreiras invisíveis que cercam a luta anticapacitista das Pessoas com deficiência no capitalismo sempre estiveram à margem dos debates e das pautas da esquerda no Brasil**, pois as questões que perpassam o cotidiano desses sujeitos são vistas de maneira isolada. Nesse sentido, ela é dissociada de outras lutas sociais e dificilmente é concebida enquanto uma experiência coletiva.

Dessa maneira, eu não conseguia falar das minhas experiências enquanto uma mulher com deficiência, tendo em vista que as outras pessoas não estavam abertas para realizarem o que chamamos

de escuta qualitativa e também não acreditavam que a minha deficiência fazia parte dos anseios do coletivo. As pessoas também me diziam, que não me percebiam como uma Pessoa com Deficiência, pois eu era tão independente, capaz, bonita e me expressava com tanta facilidade. Nesses momentos eu percebia como essa maneira de me tratar era ruim, porque **eu não queria que eles associassem a deficiência a uma coisa horrível, a um corpo doente, a um ser humano dependente dos outros** e a uma pessoa feia que não tem amigos, que não sai de casa, que não vai a escola e para a universidade.

Dessa forma, posso destacar que as minhas experiências na universidade foram permeadas pelo capacitismo, contudo, é preciso salientar que esse momento foi muito valioso para que eu pudesse **ocupar esse espaço** que na grande maioria das vezes é ocupado por héteros, brancos e homens.

Para além disso, essas vivências na universidade me possibilitaram a desconstrução de diversos preconceitos relacionados às pautas da esquerda e me fizeram perceber que **eu sou uma potência, não pela minha deficiência, mas sim pela minha luta cotidiana, a minha vontade de mudar esse sistema opressor, a minha ânsia de conhecer pessoas e aprender com suas histórias e poder compartilhar as minhas, as viagens os amores, as descobertas e as dores.**

Eu tenho a plena certeza que se eu não tivesse uma mãe como a Marta eu não viveria esse momento que é tão valioso na vida dos jovens, por isso que eu sempre digo, precisamos dar oportunidades e acesso para que as Pessoas com deficiência não estejam trancadas em suas casas e possam realizar suas descobertas, vivenciar e ter contato com a diversidade e **poder fazer parte de uma coletividade para que se construam enquanto sujeitos sociais e saibam lutar pelos seus direitos e possam ser capazes de escrever as narrativas de suas próprias histórias.**